

**Helder Camara<sup>1</sup>**

**Margarida de Souza Neves\***

Há cem anos, no dia 7 de fevereiro, nasceu no Ceará um menino esmirradinho, décimo primeiro filho de Adelaide, professora primária, e de João Eduardo, guarda livros de uma casa comercial de Fortaleza.

Reza uma das muitas lendas que cercam a longa vida daquele menino magricela, que o pai escolheu seu nome pouco comum de forma bem original: para fugir ao desejo materno de dar ao menino o nome que havia pertencido a um dos quatro filhos do casal mortos na epidemia de difteria que assolou Fortaleza em 1905, João Eduardo deixou a mão vagar a esmo sobre o planisfério que Adelaide usava em suas aulas, e seu dedo pousou sobre Den Helder, uma cidadezinha no extremo norte da Holanda. O menino não se chamaria José, como o irmão morto aos três anos. Seu nome seria Helder.

João e Adelaide não sabiam disso, mas foi um nome bem escolhido. Em flamengo, língua falada na Holanda que involuntariamente batizou o menino, a palavra *helder* quer dizer *claro, iluminado* e é usada como sinônimo de *agudo*, de *calmo* ou de *sereno*. Na sua geração, era provavelmente o único cearense com aquele surpreendente nome, que sua vida igualmente única e também surpreendente transformou em nome tão familiar para os brasileiros e para o mundo inteiro.

O menino cresceu e, sempre magricela e esmirradinho, fez-se padre em 1931; foi membro atuante de um movimento de direita nos anos 30, o integralismo; veio para o Rio de Janeiro em 1936; tornou-se bispo em 1952; neste mesmo ano organizou a CNBB da qual foi secretário geral até 1964; foi vice-presidente da CELAM; e, sem abrir a boca uma única vez na aula conciliar, foi talvez uma das vozes mais influentes do Concílio Vaticano II; uma das figuras fortes da igreja pós conciliar e um dos alvos mais atacados pela ditadura militar brasileira, que proibiu a imprensa do país de sequer mencionar seu nome, atingiu seus colaboradores como o padre Antonio Henrique Pereira Neto assassinado em 1969, e usou de todos os meios para impedir que recebesse o prêmio Nobel da paz por três vezes consecutivas.

Calmo, sereno, soube enfrentar situações de conflito em seu país e na igreja. Claro em suas atitudes como só podem sê-lo os que desejam apenas refletir uma luz que não nasce deles, foi capaz de mudanças em sua própria vida e de promover mudanças na igreja e na sociedade. Agudo, soube usar sua popularidade

---

<sup>1</sup> - Texto publicado na Revista Novamerica. Rio de Janeiro: junho de 2009. nº 122. pp. 2 e 3. (edição bilíngüe, em português e espanhol).

internacional quando foi calado no Brasil, e fez da grande mídia que não conhece fronteiras um amplificador poderoso para seus gestos largos e sua voz corajosa.

Neste ano centenário do nascimento do menino Helder, que o mundo conheceu como o arcebispo D. Helder Camara, muitas serão as comemorações. Talvez seja uma bela homenagem a releitura de um documento pouco conhecido e por ele articulado pouco antes do encerramento do Concílio Vaticano II, assinado por 40 bispos nas catacumbas de Domitila no dia 16 de novembro de 1965 e que, por isso, recebeu o nome de *Pacto das catacumbas da igreja servidora e pobre*<sup>2</sup>. Nele, esses bispos se comprometiam a assumir uma vida pobre; a renunciar às pompas, às riquezas, aos ornamentos e aos privilégios episcopais; a reconhecer o papel dos leigos na igreja; a buscar a justiça e o serviço dos mais pobres e a construir a colegialidade. Possivelmente esse texto nos ajude a compreender melhor o acerto do nome dado por João Eduardo e Adelaide ao menino magricela e esmirradinho, nascido em Fortaleza em 1909.

Aguda, clara e serena a mão daquele que aparece apenas como um de seus signatários se revela em cada uma de suas linhas, que, por sua vez, iluminam a vida e o sonho de Helder Camara.

---

<sup>2</sup> - Disponível o site do Ano Dom Helder Camara na PUC-Rio, em “Por escrito”, “Textos de Dom Helder” ([www.puc-rio.br](http://www.puc-rio.br)).

\* Margarida de Souza Neves é professora do Departamento de História da PUC-Rio.